

Apresentação

Caroline Vasconcelos Ribeiro
Conselho Editorial
Organizadora do número

Eder Soares Santos
Colaborador desse número

“Winnicott explica”. Certamente, essa não é uma expressão comum e cotidiana como aquela outra, “Freud explica”. Essa última expressão é tomada quase sempre para ironizar uma certa situação ou a própria psicanálise, porém, remete ao poder de alcance do discurso psicanalítico. Isso significa que a psicanálise já se tornou de algum modo presente na vivência cotidiana das pessoas. Apesar de estar presente no discurso da cotidianidade, essa ciência é desconhecida em seu desenvolvimento histórico pela grande maioria. São muitos, até mesmo nos meios especializados – seja nos cursos de ciências humanas em geral, seja nos cursos de psicologia –, que não conhecem em profundidade os caminhos e descaminhos da obra freudiana. Maior ainda é o número daqueles que desconhecem as revoluções psicanalíticas provocadas por Winnicott. Entre os que dizem conhecer Winnicott, muitos reduzem suas contribuições a extensões da psicanálise de Melanie Klein, ou ainda, afirmam que sua contribuição original para a psicanálise se resume

à introdução do conceito de *objetos transicionais*. De fato, essa é uma grande contribuição, mas não é a primeira nem a única do pensamento de Winnicott.

Trata-se aqui, então, de tomar a oportunidade que essa coletânea de artigos sobre Winnicott nos oferece para apresentar quem foi esse psicanalista e indicar, mesmo que brevemente, quais “revoluções” ele teria provocado na história da psicanálise.

Donald Woods Winnicott nasceu em uma cidade do interior da Inglaterra chamada Plymouth. Era o caçula de uma família que contava ainda com mais duas irmãs. Aos quatorze anos sai de casa para ir estudar no Leys School em Cambridge. Quatro anos mais tarde começa a estudar biologia no Jesus College (Cambridge) e em 1917 inicia sua faculdade de Medicina no St. Bartholomew’s Hospital em Londres. Foi enquanto estudante de medicina que teve seus primeiros contatos com a obra de Freud; e já nessa época suspeitava que houvesse alguma coisa errada em algum lugar na teoria psicanalítica.¹

Especializou-se em pediatria e manteve-se nessa atividade por quarenta anos. Sua clínica, porém, evoluiu gradualmente da pediatria tradicional para a psiquiatria infantil. Concomitante ao seu trabalho como pediatra, iniciou sua análise pessoal com James Strachey que teve a duração de dez anos. Em 1926 Melanie Klein mudou-se para Londres e Winnicott descobriu, com certo desapontamento, que muitas idéias que ele vinha concebendo naquele momento sobre análise infantil já se encontravam avançadas no trabalho de Klein, deixando ele de ser um pioneiro no assunto e passando a ser um estudante com uma professora pioneira. A partir de 1935 passou anos sob a supervisão desta psicanalista.

A família de Freud muda-se para Londres em 1938. Freud falece em 1939. Inicia-se, então, um período de grandes discussões na Sociedade Britânica de Psicanálise que tem como protagonistas Anna Freud e Melanie Klein. Winnicott, bem como outros analistas, que viam contribuições importantes nas duas autoras decidiu não tomar partido

¹ WINNICOTT, D. W. **Textos Selecionados**: da Pediatria à Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

em nenhum dos lados da discussão e uniu-se ao que acabou sendo conhecido como o Middle Group, o grupo do meio.

A partir de 1945 começam a vir à luz uma série de artigos originais de Winnicott que viriam a confirmar e desenvolver suas suspeitas em relação à teoria psicanalítica tradicional (sobretudo de Freud e Klein). Um de seus artigos mais famosos é “Objetos e Fenômenos ‘Transicionais’” de 1951, publicado em 1958 nos *Textos Selecionados: da pediatria à psicanálise* e depois publicado novamente em *Brincar e a Realidade*, em 1971, ano de sua morte em Londres. De acordo com Winnicott, os objetos transicionais e os fenômenos transicionais pertencem ao domínio da ilusão que está na base do início da experiência. Esse primeiro estágio do desenvolvimento é tornado possível pela capacidade especial, por parte da mãe, de efetuar adaptações às necessidades de seu bebê, permitindo-lhe assim a ilusão de que aquilo que ele cria existe realmente.²

A obra de Winnicott não se resume a um ou dois artigos de maior circulação. Winnicott produziu através de seus muitos trabalhos um corpo conceitual consistente e coerente que propõe uma teoria sobre a natureza humana, uma teoria do amadurecimento humano.³

Na teoria psicanalítica de Winnicott pode-se perceber que o ser humano não é abordado como um objeto da natureza, mas sim como uma pessoa que, para existir, precisa do cuidado e atenção de um outro ser humano. Sendo assim, o autor põe em questão a capacidade de sentir-se vivo, de alcançar o sentimento de real, para além das constatações do funcionamento biológico. O ponto de partida de Winnicott é o bebê, enquanto um *vir-a-ser*, a “quem” não está disponível, de antemão, o sentimento de real, a posse de um si-mesmo (*self*), nem a aptidão para investir em objetos, sejam da realidade ou da fantasia.

A psicanálise de Winnicott não se enquadra na estrutura do pensamento científico-naturalista que toma o ser humano apenas como mais um objeto da natureza a ser investigado. Freud, em contrapartida, formou seu perfil de pesquisador vinculado aos preceitos científico-naturais do seu tempo, quais sejam: o estabelecimento de completa

² WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

³ DIAS, E. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

ausência de fronteiras entre um organismo humano e não humano, a explicação dos fenômenos na perspectiva da física e a utilização de ficções heurísticas para a organização de dados. Vale ressaltar que o pai da psicanálise nunca hesitou em afirmar e reafirmar que a sua ciência pertence à “família” das ciências naturais, como também procurou, infatigavelmente, receber o respeito desta comunidade científica.

Diante do exposto, podemos afirmar que a expressão “Freud explica” ganha mais sentido se for entendida a partir da diferença entre o modo como as ciências naturais acessam os fenômenos e a especificidade da investigação das ciências do espírito. Se utilizarmos a distinção operada por Dilthey entre *explicação* e *compreensão* – como modelos distintos de apreensão de fenômenos, característicos das ciências naturais e do espírito respectivamente – para analisar a obra freudiana, poderemos concluir que o clichê “Freud explica” está em fina sintonia com as pretensões do pai da psicanálise. A explicação dos fenômenos psíquicos – a partir do estabelecimento de leis universais e de relações de causa e efeito – é o procedimento régio da ciência freudiana.

Winnicott não importa para o seio de sua ciência a semântica da física, o modelo de pesquisa das ciências naturais. Não localizamos em sua obra analogias com complexos hidrovíarios ou telescópios, muito menos a pressuposição da existência de forças antagonicas no interior de um aparelho psíquico. Ao invés de se submeter aos ditames dos padrões das ciências da natureza, o autor afirma: “não posso sacrificar um paciente sobre o altar da ciência”⁴. Num outro momento, mais especificamente no texto *Psicanálise do sentimento de culpa*, criticando a análise freudiana sobre as vicissitudes desse sentimento em termos de economia pulsional, adverte que “existe um determinismo implícito em todo esse trabalho [de Freud], a premissa de que a natureza humana pode ser examinada objetivamente e que podem ser aplicadas a ela as leis que são conhecidas em Física”⁵.

O que Winnicott entende, então, por “natureza humana”? Para ele, “o ser humano é uma amostra-no-tempo da natureza humana” e

⁴ WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 150.

⁵ Idem. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artemed, 1983, p. 20.

a natureza humana “é quase tudo o que possuímos”.⁶ Em Winnicott, isso significa dizer que o que está em jogo na natureza humana e o que a constitui é o seu acontecimento como ser humano, isto é, a sua continuidade de ser como pessoa. Ser de maneira contínua no tempo desde o início, ou seja, desde um pouco antes do nascimento, é o que lhe garante saúde o suficiente para alcançar algo que também nos constitui, a morte. A quebra dessa continuidade, principalmente no início da vida, leva a uma existência difícil, que pode ser marcada por graves distúrbios psíquicos como, por exemplo, psicoses e esquizofrenias. Essa interpretação da natureza humana não está marcada pela calculabilidade ou mensurabilidade do que é possível conhecer sobre o ser humano. Ela está baseada na fragilidade e nas dificuldades que incidem *no ter que existir humano*.

O estudo dos estágios iniciais da teoria do amadurecimento de Winnicott se inscreve na história da psicanálise como um verdadeiro *tournant* paradigmático. Diferentemente da psicanálise tradicional, Winnicott recusa decididamente a objetificação do ser humano. Ele não concebe o ser humano como um mero fato, um efeito de causas, uma coisa em conexão causal com outras coisas da natureza. O ser humano não é constituído por um aparelho que é movido pela força de certas pulsões, mas é um acontecimento temporal que tende a desenvolver-se até a sua morte. Sendo assim, ao examinar e teorizar sobre o bebê, Winnicott está interessado significativamente na provisão ambiental e não nas vicissitudes da pulsão errática, convidando-nos, desse modo, a ingressar “[...] nas águas profundas da mutualidade que não se relacionam diretamente com as pulsões ou com a tensão instintual”.⁷

Uma das possíveis chaves de leitura da psicanálise de Winnicott diz respeito ao *continuar-a-ser* e não ao problema edípico. Winnicott, assim como Freud, estava preocupado, primeiramente, com os problemas clínicos apresentados pela psicanálise e, por isso, pôde constatar que existiam distúrbios graves muito precoces nas crianças e mesmo nos bebês, que em nada se relacionam com a angústia de castração

⁶ Idem. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 11.

⁷ Idem. *Explorações Psicanálticas*. Porto Alegre: Artemed, 1994, p. 199.

decorrente da situação edípica. O autor constatou que havia angústias no início do existir humano que causavam graves danos ao “eu” incipiente da pessoa e que não podiam ser definíveis em termos de relações pulsionais de objeto. A essas angústias, ele deu o nome de impensáveis. O mais importante a ser observado no que diz respeito às angústias impensáveis, é que elas interrompem a continuidade-de-ser do bebê e que essa interrupção compromete as possibilidades que este tem de se integrar como um si-mesmo (*self*), uma unidade, ou seja, fica comprometido o seu amadurecimento enquanto continuidade do existir. Nos momentos iniciais, o perigo diz respeito à cisão no existir e não à frustração de desejos.

A teoria do amadurecimento, em última instância, diz respeito ao poder *continuar-a-ser* da pessoa. Esse amadurecimento não é automático, ele acontece na relação com outros seres humanos. A teoria winnicottiana traz consigo, ainda, questões relacionadas à conquista de tempo e espaço no início do existir humano (*holding*), aos modos de se lidar com esse ser humano (*handling*) e a como ele apreende a realidade (*object presenting*).

Como se pode notar, há muito mais a ser investigado na teoria psicanalítica de Winnicott que apenas sua contribuição sobre os objetos transicionais. Entre os vários temas com que essa teoria pode dialogar, o da educação impõe-se como algo desafiador e relevante. Em função disso, a atual edição de nosso caderno reuniu artigos de diferentes pesquisadores, com olhares múltiplos sobre a maneira como a teoria winnicottiana pode ser articulada às questões relativas ao educar. As contribuições winnicottianas para a educação, aqui apresentadas, referem-se tanto ao início das vivências escolares quanto a temas que perpassam toda a trajetória da vida escolar de crianças e jovens: a agressividade, a moralidade, a criatividade, a tendência anti-social, entre outros. Ao invés de se prestarem a confeccionar receitas e técnicas para resolução de problemas pontuais que incidem no espaço escolar, os autores, de diferentes maneiras, optaram por uma discussão global acerca do amadurecimento emocional do ser humano, questionando sobre o modo como a escola e os profissionais de educação podem estar à serviço da obstacularização ou da facilitação desse amadurecer.

Seguindo caminhos distintos, os artigos aqui publicados apresentaram articulações possíveis entre o pensamento de Winnicott e a educação, em especial, a educação infantil. Não obstante a especificidade de cada artigo, os questionamentos acerca do papel dos educadores, da família e do ambiente educacional incidiram de forma marcante em todos os recortes utilizados.

Além das publicações diretamente relacionadas ao tema da educação, apresentamos nesse dossiê outros artigos com temáticas mais gerais. Alguns deles se encarregaram de trazer à baila as contribuições originais de Winnicott acerca de temas já discutidos ao longo da história da psicanálise, quais sejam: a moralidade, a adoção de crianças, o consumo e a criatividade. Outros dois artigos abordaram a psicanálise de Winnicott tendo como guia a filosofia de Martin Heidegger e, de modos diversos, indicaram como a clínica e a teoria winnicottiana podem lançar luz a problemas milenares da história da filosofia.

É com imensa satisfação que apresentamos um volume do caderno APRENDER inteiramente dedicado ao pensamento de Winnicott, composto por artigos que contêm uma sólida discussão acerca de múltiplas e inaugurais contribuições desse autor para o entendimento dos fenômenos humanos. Acreditamos que, com essa publicação, estamos contribuindo para a ampliação de um debate sobre sua teoria, de modo a poder conferir o devido reconhecimento acerca do seu papel na história da psicanálise. Esperamos que o leitor, ao tomar posse das discussões aqui apresentadas, se permita questionar a hegemonia da expressão “Freud **explica**”. Mais que isso: esperamos que o leitor possa discernir que a “**explicação**” talvez não seja a melhor forma de considerar os fenômenos humanos. Quem sabe então, a popularidade do “Freud explica” possa ceder certo terreno para uma nova expressão: “Winnicott **compreende**”.

Agradecemos a todos os autores que contribuíram para a confecção desse número e desejamos ao leitor uma rica jornada de leituras.